

6 Considerações conclusivas

Finda a escrita desta dissertação.

Não obstante, nossa decisão de uma leitura de Ricoeur... desde Ricoeur foi sendo progressivamente intermediada por conclusões parciais com o espírito de que seria preciso fazer e refazer continuamente o percurso da leitura de Ricoeur... desde Ricoeur. Paralelamente ao percurso de investigação da identidade narrativa da historiografia como *categoria da representância* e sua extensão à identidade narrativa de uma historiografia literária brasileira, fomos sobrepondo o encadeamento de nossas inquirições. Dito isso, uma leitura das páginas consagradas à *guisa de conclusão capitular*³⁰⁴ não poderia deixar de associar-se a estas considerações conclusivas, dado ser caráter prelúdico.

Concomitantemente às dialéticas da narratividade e da temporalidade, Paul Ricoeur depôs suas teorias do texto, da ação e, mesmo que em forma de gênese, da história. Nosso esforço foi duplo: compreender a *categoria da representância* como identidade narrativa da historiografia na dialética da tríplice *mimese* e apropriar-se da mesma *categoria da representância* como identidade de uma historiografia literária brasileira. Para tanto, o percurso exigiu-nos os estudos propedêuticos da pré-compreensão do mundo e da ação (*mimese* I – competência pragmática) – Capítulo 2 – e dos fenômenos que asseguram os laços de derivação indireta das configurações narrativas (*mimese* II) – Capítulo 3. Somente então realizamos, primeiro, uma leitura de Ricoeur... e, segundo, desde Ricoeur. Uma leitura de Ricoeur fizemo-la em sua aplicação do modelo de tríplice *mimese* à narrativa historiográfica, enquanto visamos compreender a identidade narrativa da historiografia – Capítulo 4. Uma leitura desde Ricoeur fizemo-la apropriando-nos da *categoria da representância* como uma leitura plausível da identidade narrativa de uma historiografia literária brasileira – Capítulo 5. Nosso duplo esforço prescreveu-nos um olhar diligente, dado o objetivo de nossa empreitada. Desse

³⁰⁴ Encontra-se às páginas 32, 63, 99 e 118.

ponto de vista, a extensão da *categoria da representância* como identidade narrativa da historiografia à identidade narrativa de uma historiografia literária brasileira é-nos possível.

Em que medida pode-se considerar a teoria da narrativa historiográfica, de Paul Ricoeur, como um paradigma apropriado para o problema da identidade narrativa de uma historiografia literária brasileira? Podemos, pois, reafirmar de e desde Ricoeur que uma historiografia literária brasileira procede de nossa competência pragmática literária e, com esta, mantém laços de derivação indiretas quando é configurada em composições narrativas históricas. A leitura de tais configurações implica uma viva dialética de distanciação e de apropriação, o que nos autoriza a identificá-la como *lugar-tenência* da passadidade do passado literário: a identidade narrativa de uma historiografia literária brasileira é meio científica meio literária.

Identificam-se em historiografias literárias brasileiras algumas escolas cujos modelos, dados seus métodos, privam a literatura da dimensão de sua recepção e seu efeito: escola idealista, escola histórica, escola positivista, escola marxista, escola formalista. Na escola idealista, o modelo presente é a idéia universal da filosofia esclarecida da história, na qual e a partir da qual a marcha dos acontecimentos se compreende teleologicamente. Daí resulta uma implicação metodológica problemática, tanto para a história da literatura quanto para toda a historiografia: como se pode entender e apresentar o nexos da história, que jamais se revela em sua totalidade? Na escola histórica, o modelo presente é a idéia da história como painel de época, na qual e a partir da qual a historiografia literária se compreende por enfoques, seja de épocas, seja de estilos. A mesma questão se apresenta: como se pode entender e apresentar o nexos da história, que jamais se revela em sua individualidade? Na escola positivista, o modelo presente é a idéia da aplicação do princípio de explicação puramente causal à história da literatura tomando emprestados os métodos das ciências exatas. Na escola marxista, o modelo presente é a demonstração do nexos da literatura com a realidade social, a fim de, mesmo como tentativa, resolver o problema de como compreender a sucessão histórica das obras literárias com o nexos da literatura. Resulta daí que a historiografia literária marxista viu-se constrangida a medir o grau de importância de uma obra literária devido a sua força testemunhal ao processo social e incapaz de extrair daí categorias estéticas próprias. Ademais, o mesmo problema se impõe:

como compreender a heterogeneidade do simultâneo? Qual a função social da literatura? Na escola formalista, o modelo presente é o signo de uma rigorosa ênfase no caráter artístico da literatura. O método formalista leva a paradoxos: de um lado, a literatura é tomada como um objeto autônomo de investigação, desvinculando-a de condicionamentos históricos; de outro lado, a historicidade da literatura reaparece, uma vez que o literário na literatura não é determinado apenas sincronicamente. A interpretação deve considerar sua relação com a diacronia do literário. A nova compreensão da literatura abrange o domínio da gênese, da canonização e da decadência dos gêneros. O mesmo problema se impõe: como compreender a relação entre diacronia e sincronia em seu desenvolvimento como relação de processo histórico?

Permita-nos ter em conta de e desde Ricoeur, como uma contribuição para uma historiografia literária brasileira, a identidade narrativa de uma historiografia literária como *categoria da representância* quanto à dialética da comunicabilidade e da referencialidade.

O leitor é o operador por excelência da dialética da comunicabilidade e da referencialidade de uma historiografia literária brasileira. É ele quem assume por sua ação de ler a unidade do percurso inteiro da *mimesis* I (pré-compreensão do agir humano, de sua semântica, de seu simbolismo, de sua temporalidade), elevada à intriga literária – *mimesis* II (operação de configuração histórico-literária), na qual se tira uma historiografia literária de uma diversidade de acontecimentos ou incidentes consignados em ancoradores literários. O leitor se encontra dialeticamente com a comunicabilidade e referencialidade de uma historiografia literária (mundo do texto). A intersecção do mundo pré-compreendido da ação literária (mundo do leitor) e da história literária configurada pela intriga historiográfica literária brasileira (mundo do texto) constitui ela mesma um choque do Mesmo, do Outro, do Análogo. É o leitor, em sua ação de ler, que prefigura o primeiro estado, configura o segundo estado, transforma, pela leitura, o terceiro estado, ou seja, acompanha uma operação estruturante que começou na experiência vivida, investiu-se no texto como historiografia literária e transfigura, pela interpretação, uma nova experiência literária. A dialética da comunicabilidade e da referencialidade de uma historiografia literária brasileira se lhe apresenta como meio científica meio literária, como tensão entre o Mesmo, o Outro, o Análogo.

Decerto, do ponto de vista epistemológico, a identidade narrativa de uma historiografia literária brasileira é tensa, pertence ao reino do *como se*, sem, contudo, nada perder de sua ambição científica. Uma configuração historiográfica literária brasileira seria incompreensível se não viesse a configurar o que, na ação humana, já figura, como bem nos atesta o poema *O bicho*, de Manuel Bandeira:

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.*

O bicho, meu Deus, era um homem.